

Economistas aprovam

LUCILA SOARES

A confirmação de que será criado um indexador diário desvinculado da inflação passada foi bem recebida por alguns economistas, que consideram a medida perfeitamente viável e adequada a uma queda gradual da inflação, sem quebra de contratos. A questão é saber como será calculado esse novo indexador, e o que será atrelado a ele.

Em relação ao cálculo, o que parece mais lógico a Francisco de Assis Moura de Mello, ex-diretor do IBGE, hoje no Banco Marka, é que o governo trabalhe com projeção de inflação, porque é impossível fazer um cálculo diário baseado no comportamento dos preços. Isso pode parecer exigir bola de cristal mas, na verdade, há instrumentos.

O governo é quem determina as tarifas, por exemplo. Este seria um ponto, diz Mello. Além disso, os fatores sazonais que pressionam ou aliviam a inflação são mais do que conhecidos. A Sunab está sendo reaparelhada e pode ajudar no acompanhamento de preços importantes, principalmente os de setores oligopolizados. Com base nisso, é possível traçar projeções.

Critério — Assim, a expressão

“inflação presente”, usada pelo diretor de Política Monetária do Banco Central, Francisco Pinto, seria, na verdade, uma maneira de enfatizar o rompimento com a inflação passada. E a existência do índice diário não significa um cálculo a cada dia. O que se espera é o contrário: parte-se da projeção para calcular o percentual diário.

A diferença entre essa política e uma prefixação é que, nesta segunda hipótese, o governo estabelece uma meta de inflação a cada mês, e tenta forçar os agentes econômicos a reajustar seus preços por essa meta. José Julio Senna, diretor do Banco da Bahia, é um dos muitos economistas que apontam risco altíssimo nesse caminho: “O governo fica amarrado, cria expectativas e, se a inflação do mês seguinte fica um ponto acima da meta, todo mundo interpreta como um fracasso e cobra a diferença.”

A questão seguinte é o que será vinculado ao novo indexador. Tanto Moura de Mello quanto José Julio Senna, ex-diretor do Banco Central, hoje no Banco da Bahia, consideram inevitável que a variação do câmbio seja um dos pontos.